



**COMBATE ÀS DESIGUALDADES DE
GÊNERO E À VIOLÊNCIA CONTRA A
MULHER: POSSIBILIDADES NO
COTIDIANO DA ESCOLA**

Gustavo Henric Costa

Prefeito

Alex Viterale

Secretário de Educação

Fábia Aparecida Costa

Subsecretária de Educação

Solange Turgante Adamoli

Diretora do Departamento de Orientações
Educativas e Pedagógicas

Foto capa: Camila Rhodes/PMG

DEPARTAMENTO DE ORIENTAÇÕES EDUCACIONAIS E PEDAGÓGICAS - DOEP

EQUIPE DE PRODUÇÃO DOS CONTEÚDOS

Seção Técnica de Ações Educativas para Igualdade Racial e de Gênero

Claudia S. Ferreira Lucena

Sueli Mariana Medeiros

Lucília Ribeiro de Souza

Marlúcia Silva Vieira

DIVISÃO TÉCNICA DE POLÍTICAS PARA DIVERSIDADE E INCLUSÃO EDUCACIONAL

Patrícia da Silva Matildes Aguiar

Diagramação: Anna Solano

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

Rua Claudino Barbosa, 313 - Macedo - Guarulhos/SP

CEP 07113-040 - TEL.: 2475-7300

<http://portaleducacao.guarulhos.sp.gov.br>

2024

NESTA EDIÇÃO



PAPEL DA ESCOLA

5

O combate às desigualdades de gênero e à violência contra a mulher

DESCONSTRUINDO ALGUNS MITOS

12



E QUANTO AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO?

14

**ROMPER ESTEREÓTIPOS:
UM DESAFIO NECESSÁRIO**

16



REPRESENTATIVIDADE NA LITERATURA

17

PROBLEMATIZANDO

18



**CONSTRUINDO POSSIBILIDADES
RECONSTRUINDO HISTÓRIAS**

19

**ALGUNS ASPECTOS IMPORTANTES
PARA SE TRABALHAR O TEMA**

23





PAPEL DA ESCOLA



Foto: Camila Rhodes

O combate às desigualdades de gênero e à violência contra a mulher configura-se como um grande desafio à sociedade, sendo que neste processo não resta dúvida sobre a importância da educação:



“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade não muda.” (Freire, 2000, p. 67).



PONTO DE PARTIDA:

Na Proposta Curricular Quadro de Saberes Necessários - QSN (Guarulhos, 2019) a temática sobre as relações de gênero tem caráter transversal e deve ser trabalhada em todos os níveis e modalidades de ensino, considerando o tempo de vida dos(as) educandos(as).

Nessa direção, é fundamental que educadores e educadoras se envolvam no processo de construção de práticas pedagógicas pela equidade de gênero e cultura de paz.

Desde a mais tenra idade, a criança está imersa em um mundo ditado por modelos, no qual a construção das identidades de meninos e meninas são cerceadas por uma visão sexista, que limita a condição de desenvolverem-se de forma integral. Assim, é essencial possibilitar práticas educativas não discriminatórias desde a primeira infância.

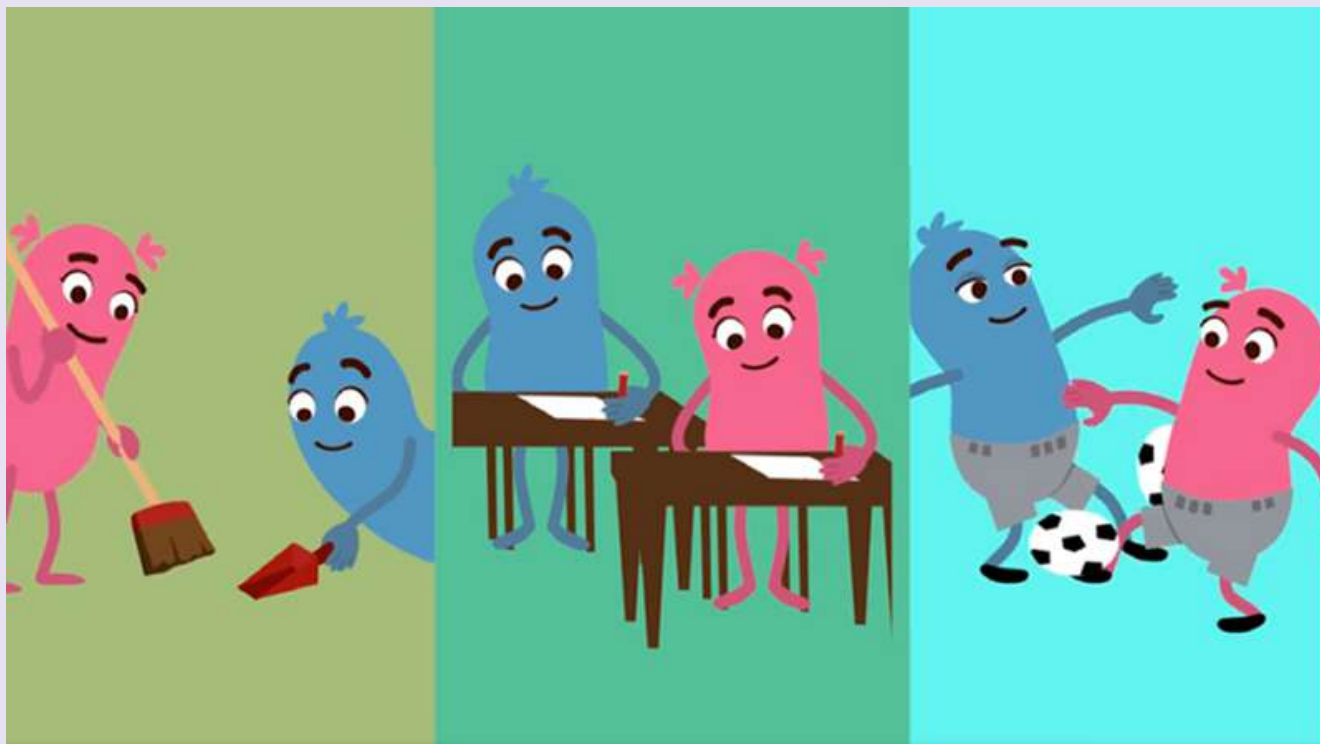
O QUE É SEXISMO?

É o nome dado para atitude discriminatória, em que se define quais usos e costumes são mais adequados para cada sexo, como vestir azul ou rosa, brincar de boneca ou de bola, etc.

1. Este tema não precisa ser abordado com as crianças.

A noção de equidade de gênero na educação não significa anular as diferenças que existem entre o sexo feminino e masculino, trata-se de uma demanda por um sistema escolar inclusivo, que atue contra as discriminações e desigualdades ainda presentes em nossa sociedade.

Segue a dica de um vídeo que possibilita esta reflexão:



“O Desafio da Igualdade”

<https://www.youtube.com/watch?v=04u0UHEq2f4>

Agora vejamos alguns princípios que precisam ser considerados nas práticas pedagógicas a partir de um Saber que integra o QSN/2019:

Proposta Curricular – Educação Infantil

O EU, O OUTRO E O NÓS

BEBÊS

CRIANÇAS BEM PEQUENAS

CRIANÇAS PEQUENAS

SABER: Ampliar a interação social, a afetividade, a expressão de sentimentos e a empatia. Saber lidar com suas emoções.

Expressar e identificar sensações relativas à sua sexualidade, identidade e expressão de gênero, de acordo com seus tempos de vida. 🖐️🖐️

2. Brincadeira ou brinquedos de meninos e meninas:

Trata-se de um equívoco, o que existe é um universo de estímulos e possibilidades para serem explorados.

Figura 1 <https://pediatriaup.com.br/blog/>



Crianças por elas mesmas ...

No processo de aprendizagem é essencial que as crianças falem sobre como percebem o mundo a sua volta, elas têm muito a dizer, portanto precisamos favorecer estes espaços.

Escute o recado desta pequena-grande observadora:

Observação cognitiva: Menininha questionando o sexismo da indústria de brinquedos- legendado (observacaocognitiva.blogspot.com)



“A bailarina que virou jogadora de futebol”
<https://www.youtube.com/watch?v=m0MbFpRRJYc>



Eu sou uma menina!

Idade Recomendada: De 1 a 5 anos

Determinada, esperta, cheia de atitude e energia, a menina desta história é, muitas vezes, confundida com um menino! Dá pra acreditar? Isso é porque ela faz muitas coisas que são tipicamente “de menino”. Mas, o que isso quer dizer? Essa personagem nunca se dá por vencida.



3. Meninos e meninas podem brincar juntos:

É importante respeitar as escolhas das crianças com quem desejam brincar, contudo é necessário criar vivências em que as crianças brinquem juntas e de brincadeiras diversas.

4. Misture os brinquedos:

Essa prática amplia as possibilidades de escolhas das crianças, favorecendo a imaginação e potencial criativo.

5. As cores não definem o que é próprio de menino ou de menina:

Possibilitar brincadeiras e também a organização dos espaços de forma que as crianças possam visualizar, vivenciar e refletir sobre este aspecto.

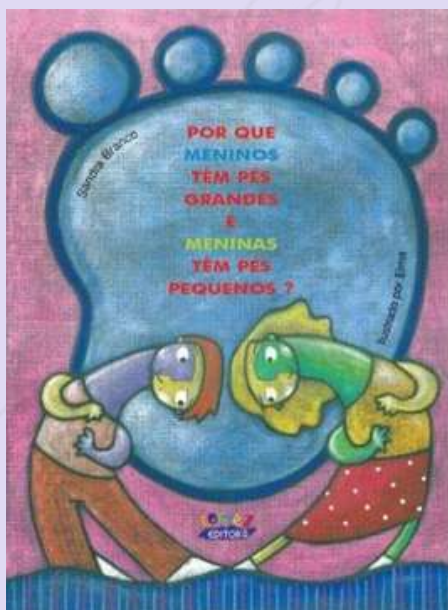


Uma boa história sempre favorece neste processo:

Meninos gostam de azul, meninas gostam de rosa. Ou não?

Indicação: 2 - 6 anos

Meninos gostam de azul e meninas gostam de rosa. Mas os meninos também gostam de rosa e adoram dançar! E as meninas também gostam de azul e adoram jogar bola! E você, menino ou menina, gosta de quê?



Por que meninos têm pés grandes e meninas têm pés pequenos?

De Sandra Branco

Neste livro, Sandra Branco discute com o leitor sobre discriminação, estereótipos, relações familiares e respeito. Num texto delicado e repleto de sensibilidade, leva a criança a refletir sobre sua postura no dia a dia, sobre preconceito e sobre o verdadeiro sentido de ser feliz.

6. Escolha com critério os personagens que são apresentados às crianças:

Importante uma análise prévia e cuidadosa a fim de evitar personagens estereotipados.



A Pior Princesa do Mundo

Cansou de tantos contos de fadas e príncipes que salvam princesas? Querendo uma princesa com um pouquinho mais de animação? Então esta história é pra você!

Contação de História por Fafá conta:
<https://www.youtube.com/watch?v=7xgx3HxFS9U>



7. Converse e incentive-as a externar as emoções:

Além de observar e mediar as situações de forma adequada, rompendo com visões cristalizadas, como: “meninos não choram” ou as “meninas são mais frágeis”.

É essencial inserir nas práticas cotidianas espaços para que possam ter esta vivência.



O menino que não podia chorar

Essa história terapêutica foi escrita como uma contribuição ao importante desafio que precisa ser enfrentado por todos os meninos e homens que “não podem chorar”.



Quem Disse?

De Caroline Arcari

“Quem disse, Andreza, que menina só se fantasia de princesa? Quem disse, Lelê, que menino não brinca de ser pai de um bebê? Este é um livro colorido e lindamente ilustrado que traz novas possibilidades de brincar, ser e sonhar, desconstruindo estereótipos e padrões de gênero. O livro fala sobre masculinidade alternativa, educação de meninos e empoderamento de meninas.”

Vale a pena conferir:

Desafio da Igualdade | Episódio 02:
Meninos podem chorar?



https://www.youtube.com/watch?v=_HywVjAhNmM



Desconstruindo alguns mitos:

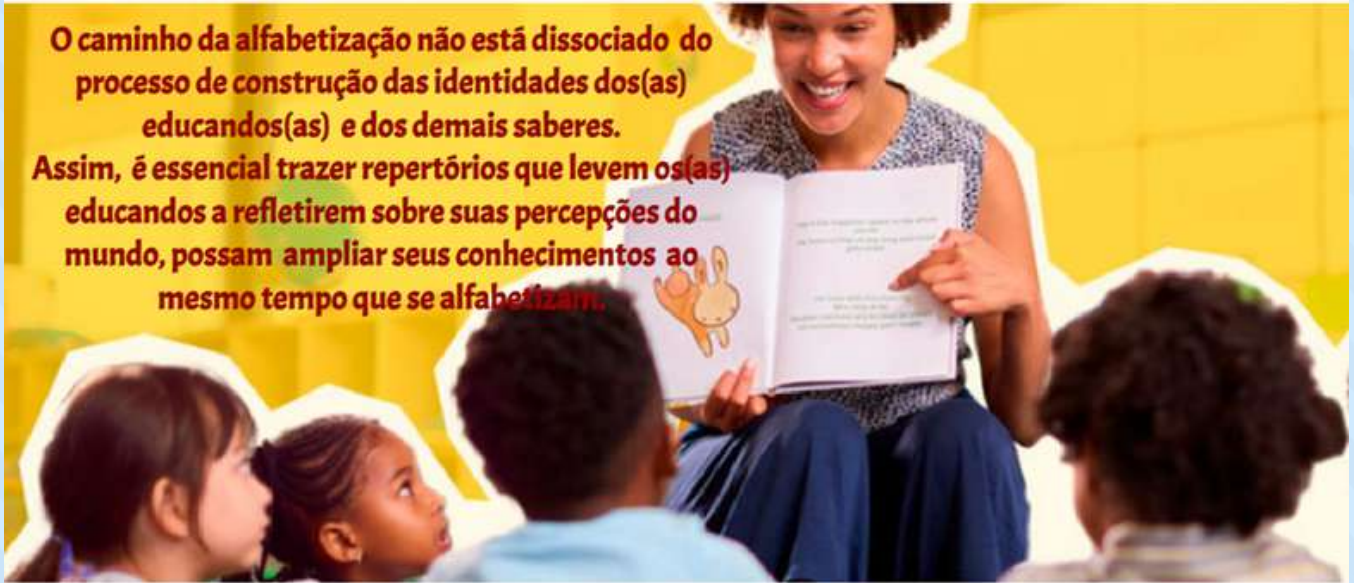


Figura 2 <https://www.cenpec.org.br/noticias/tudo-sobre-alfabetizacao-e-letramento>

Proposta Curricular – Ensino Fundamental

MEDIÇÃO DE CONFLITOS E CULTURA DE PAZ			
1º E 2º ANOS	2º E 3º ANOS	3º E 4º ANOS	4º E 5º ANOS
SABER: Utilizar a mediação de conflitos em sua vida diária, negociar e defender ideais e pontos de vista com respeito promovendo os direitos humanos voltados para a construção de uma cultura de paz.			
Identificar situações de discriminação baseadas em diferenças de raça/etnia, classe social, crença religiosa, gênero, orientação sexual e outras características individuais ou sociais e condições orgânicas e de saúde (vitiligo, psoríase, obesidade, alergias etc.).		Sensibilizar-se com situações de discriminação baseadas em diferenças de raça/etnia, classe social, crença religiosa, gênero, orientação sexual e outras características individuais ou sociais e condições orgânicas (vitiligo, psoríase, obesidade, alergias) considerando a igualdade como um direito humano.	Posicionar-se contra situações de discriminação baseadas em diferenças de raça/etnia, classe social, crença religiosa, gênero, orientação sexual e outras características individuais ou sociais e condições orgânicas e de saúde (vitiligo, psoríase, obesidade, alergias) a favor dos direitos humanos.

Proposta Curricular – Ensino Fundamental

IDENTIDADES E ALTERIDADES			
1º E 2º ANOS	2º E 3º ANOS	3º E 4º ANOS	4º E 5º ANOS
SABER: Valorizar e respeitar as diferentes construções identitárias, reconhecendo-as como partes de si mesmo e que se estabelecem na presença das diferenças e do outro (<i>alter</i>). (continuação)			
Conhecer e valorizar a história das mulheres da sua família, escola e comunidade.		Apontar a importância da mulher no contexto: familiar, social e histórico.	Reconhecer e posicionar-se contrário às desigualdades de gênero na sociedade.

O combate a qualquer tipo de preconceito é um saber fundamental a ser desenvolvido na escola, para tanto os caminhos são diversos, mas há uma “regra” que precisa ser considerada:

OS EDUCANDOS(AS) PRECISAM EXPRESSAR O QUE PERCEBEM E SENTEM A RESPEITO DOS CENÁRIOS DE PRECONCEITO, ASSIM, É IMPORTANTE:

1. Planejar espaços de escuta, que podem ser Rodas de Conversa, Ciclos de Leituras, Debates sobre filmes, curtas e documentários sobre o tema.



Fig. 3 <https://lunetas.com.br/educacao-antirracista-no-chao-da-escola-instituto-alana/>



2. O papel de mediação do(a) professor(a) é essencial, este(a) deve assumir uma postura de acolhimento às falas, sem juízo de valor e incentivar para que todos(as) se coloquem.



Lembre-se:

O debate das ideias entre os(as) educandos(as) é valioso na educação, uma vez que desenvolve saberes como aprender a ouvir, a se posicionar e a argumentar.

**E QUANTO AO
PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO?**

Em atividades como estas, são trabalhados elementos essenciais ao processo de alfabetização e letramento: atenção, memória, organização do pensamento e oralidade. Sem falar nos desdobramentos que estas propostas podem ter, avançando para pesquisas, leituras e registros



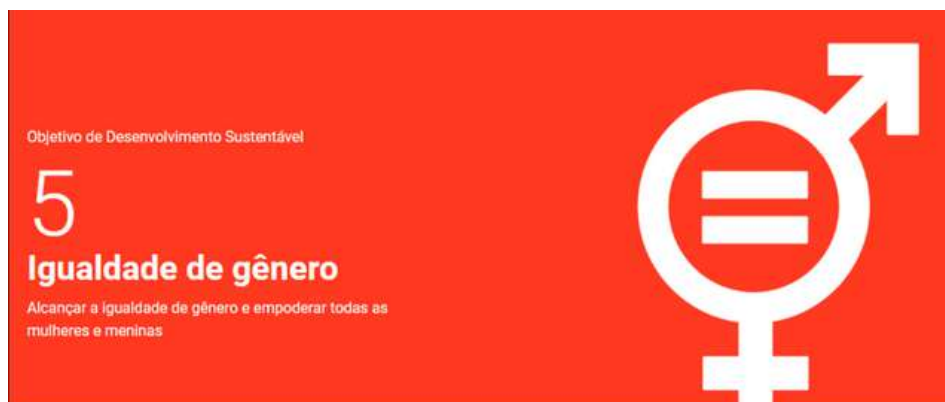
Outro ponto fundamental a ser considerado para trabalhar o tema de combate à desigualdade de gênero e violência contra a mulher é a **Interdisciplinaridade**.

As possibilidades são inúmeras, uma sugestão é trazer a **Agenda 2030 da ONU - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**, onde um dos 17 objetivos diz respeito à igualdade de gênero:

<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>



[NAÇÕES UNIDAS BRASIL](https://brasil.un.org/pt-br/sdgs)



DE
CRIANÇA
PARA
CRIANÇA

Criando Juntos 241 | Objetivo 05: Igualdade de Gênero
O Campeonato de Videogame (ONU)

<https://www.youtube.com/watch?v=3lzwpvfk9EM&t=25s>

ROMPER ESTEREÓTIPOS:

UM DESAFIO

NECESSÁRIO

Para avançarmos na luta contra a desigualdade entre homens e mulheres, um ponto primordial é a desconstrução dos estereótipos presentes nas vidas de meninas e mulheres, os quais acabam por definir negativamente suas trajetórias.

Em uma sociedade onde sempre prevaleceu a ordenação de valores em bases machistas e patriarcais, desde muito cedo meninas recebem mensagens diretas ou indiretas do que podem

ou devem ser, dos espaços que podem ocupar, do que devem vestir, como se comportar, enfim...

Alguns avanços estão acontecendo, mas ainda prevalecem muitos desafios, que não podem ser minimizados, pois afetam as escolhas e oportunidades de meninas e mulheres no mundo todo.

Vale a pena

conferir:



<http://promundo.org.br/recursos/chutando>

O livro que indicamos a seguir, é uma obra que traz o tema de forma sensível e próxima, que pode ser, além de trabalhada com os(as) educandos(as), um ótimo recurso para uma abordagem junto às famílias e também para educandos(as) da EJA.

Enfatiza a relação de um pai com sua filha e como alguns padrões de gênero limitam os desejos e sonhos dessa menina por reservarem papéis específicos para homens e mulheres na sociedade.

LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER!

REPRESENTATIVIDADE E LITERATURA



A escolha dos livros a serem apresentados para os(as) educandos e educandas precisa ser bem cuidada, é essencial que retrate a diversidade, evidenciando aqueles(as) que nem sempre tiveram espaço-voz. O que sem dúvida também se aplica quando se trata de superar a desigualdade de gênero, deste modo, na escola é necessário evidenciar as obras feitas por autoras e também que tragam as mulheres em diferentes papéis na sociedade.



https://www.youtube.com/watch?v=tVEetj_H000&t=65s



Problematizando

Em 2021, a diferença salarial entre mulheres e homens que exercem a mesma função aumentou de 20,7% para 22%.

(IBGE. Síntese de Indicadores Sociais: Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira. 2021.)

Esta notícia pode ser trabalhada com os educandos(as), que tal:

→ Realizar perguntas que os(as) levem a perceber esta realidade e a identificá-las em situações do cotidiano, para isso podem fazer pesquisas junto às famílias e pessoas próximas, entre outros. O segundo passo pode ser construir coletivamente um gráfico e analisar os dados finais; para isso podem fazer pesquisas junto às famílias e pessoas próximas, entre outros. O segundo passo pode ser construir coletivamente um gráfico e analisar os dados finais;

→ Em seguida levantar junto à turma, quais são as ações necessárias para mudar este cenário;

→ Várias ações podem ser realizadas pelos(as) educandos(as) com a mediação do professor(a), como sugestão, pode-se desenvolver uma campanha contra a desigualdade entre homens e mulheres na escola, junto às famílias e na comunidade do entorno.

Conheça uma vivência sobre a desigualdade de gênero realizada com crianças e adolescentes de uma escola:

<https://www.youtube.com/watch?v=E6jjQP4KXGg>



CONSTRUINDO POSSIBILIDADES RECONSTRUINDO HISTÓRIAS

A Educação de Jovens e Adultos representa um marco na vida das pessoas que decidem iniciar ou voltar a estudar, um grande desafio, o qual será ainda maior para as mulheres, embora atualmente sejam a maioria, somente a presença das mulheres não é garantia de permanência, além disso é importante pensar naquelas que não conseguem sequer chegar.

POR QUE SERÁ QUE ESTE PROCESSO OCORRE?



Fig.5 <https://jornalistaslivres.org/a-sobrecarga-do-trabalho-feminino-em-tempos-de-pandemia/>



Em 2022, as brasileiras gastaram, em média, 21,3 horas semanais cuidando da casa. Já os homens, somente 11,7 horas.

Além deste cenário desolador, que sem dúvida interfere nas oportunidades de escolhas na vida das mulheres, outros dados são ainda mais preocupantes, estes dizem respeito aos indicadores de violência contra as mulheres.



Fonte: PNAD Contínua – Outras formas de trabalho

Violência ao longo da vida

Epidemia de violência

33,4% das mulheres brasileiras com 16 anos ou mais sofreram violência física e/ou sexual por parte de parceiro íntimo ou ex

Maior do que a média global, de 27% (OMS)

21,5 milhões de mulheres

Percepção da população

65,2%

dos brasileiros acham que a violência contra a mulher aumentou no último ano

52%

relatam ter visto alguma situação de violência nos últimos 12 meses



Principais formas de violência provocadas por parceiro íntimo ou ex

32,6%



Psicológica

21 milhões

24,5%



Física

15,8 milhões

21,1%



Sexual

13,6 milhões

12,9%



Forçada a ficar sozinha ou impedida de se comunicar com amigos e familiares

8,3 milhões

9,8%



Teve acesso negado a recursos básicos, como assistência médica ou dinheiro

6,3 milhões

65,6% Negras

29,0% Brancas

2,3% Amarelas

3,0% Indígenas

57,4% tinham filhos

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Datafolha, 2022

Para mais dados, consulte:



FÓRUM BRASILEIRO DE
SEGURANÇA PÚBLICA

<https://forumseguranca.org.br/painel-violencia-contra-a-mulher>





Foto: Rodrigo Medrado

Diante destes dados não resta dúvida que precisamos agir, sendo que a escola pode oferecer várias possibilidades e trabalhar com a temática para além do dia 08 de março, como preconiza a Proposta Curricular da Rede- QSN/2019:

Proposta Curricular – EJA

Quadro de saberes

CORPOREIDADE E RELAÇÕES SOCIAIS	
CICLO I	CICLO II
Conhecer e valorizar a diversidade cultural brasileira, o respeito às diferenças de gênero, geração, raça, credo e necessidades especiais, fomentando atitudes de não discriminação.	
Rejeitar todos os estereótipos que condenem pessoas por causa do gênero, da condição social, de deficiências e da etnia, e o cerceamento dos direitos à saúde, educação e participação política.	
MUNDO DO TRABALHO E FORMAS DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA, SOCIAL E CULTURAL	
CICLO I	CICLO II
Compreender as relações de gênero, etnia, classe social, orientação sexual e religião que se estabelecem no âmbito da atividade produtiva.	

ALGUNS ASPECTOS IMPORTANTES PARA SE TRABALHAR O TEMA:

1 O debate sobre o tema precisa envolver as diferentes linguagens e possibilitar o protagonismo das educandas e educandos.

Eu-Mulher - Conceição Evaristo

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.

Música e Luta

VALE A PENA CONFERIR

DESCONSTRUINDO AMÉLIA, PITTY
MARIA DA VILA MATILDE, ELZA SOARES
PAGU - RITA LEE

2 Para que se possa compreender o cenário de desigualdade e de violência contra a mulher, é necessário discutir as bases machistas que estruturam a sociedade brasileira.

VOCÊ SABIA...

- O Código Civil de 1916, em seu Art. 233 estabelecia que as mulheres deveriam pedir autorização aos maridos para trabalharem, esta ideia perdurou até 1962 - Estatuto da Mulher Casada;
- No séc. XIX preconizava-se a ideia de que a mulher era desqualificada física e intelectualmente para ingressar no mundo do trabalho;
- Entre 1605 e 1830, era permitido ao homem que tivesse sua "honra lesada" por adultério agir com violência contra a mulher, contudo, a tese continuou a vigorar em algumas defesas e apenas em março de 2021, o Supremo Tribunal Federal (STF) considerou esta tese inconstitucional, por violar os princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana, da proteção à vida e da igualdade de gênero

3 É fundamental trazer elementos da história das mulheres no Brasil e no mundo, na luta pela garantia de igualdade.



Apenas em 24 de fevereiro de 1932 as mulheres foram liberadas para votarem.

Entretanto o voto era assegurado apenas às mulheres casadas, com autorização do homem, ou para viúvas com renda própria.

O Dia da Conquista do Voto Feminino passou a ser comemorado no Brasil a partir de 2015 por meio da [Lei nº 13.086](#).



VALE A PENA CONFERIR:

Documentário - Voto feminino completa 90 anos no Brasil



Rádio e TV Justiça

https://www.youtube.com/watch?v=w_03ax5ISdY&t=36s



5 Para que possamos atuar sobre a violência contra a mulher e elas possam se proteger é preciso ter consciência sobre os diferentes tipos de violência, pois muitas vezes algumas violências são naturalizadas.

Maria da Penha – Lei 11.340/2006



LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006

- Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.

• Foi agredida pelo marido durante anos, chegando a ficar paraplégico. Após muita luta, repercussões dentro e fora do Brasil, debates e comitê, foi sancionada em 2006 a lei que leva o nome de Maria e torna as penas mais rígidas aos agressores em âmbito doméstico.

Conheça os tipos de violência :



IMP
INSTITUTO
MARIA DA PENHA



<https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>

Vale a pena conferir



Maria da Penha oferece sua história como uma forma de contribuir com transformações urgentes, pelos direitos das mulheres a uma vida sem violência. História que muito tempo depois a tornou protagonista na luta contra a impunidade em relação à violência doméstica e violência contra as mulheres no Brasil.

Onde buscar ajuda:



Rua Paulo José Bazani, 47 Macedo
Funcionamento:
de segunda à sexta, das 7h às 19h
Telefone: 2469-1001

<https://www.guarulhos.sp.gov.br/casa-das-rosas-margaridas-e-beths>

Onde buscar ajuda:



<https://www.guarulhos.sp.gov.br/casa-da-mulher-clara-maria>

Onde buscar ajuda:

Em casos de suspeita de violência ou violência propriamente

Serviço gratuito, que funciona 24 horas por dia, todos os dias da semana.

Qualquer pessoa pode fazer uma denúncia pelo 180

O 180 garante o anonimato do/da denunciante

<https://www2.camara.leg.br/acamara/estruturaadm/secretarias/secretaria-da-mulher/imagens/disque-180/view>

O esforço é para transformar a história de todas as mulheres buscando, quem sabe, um dia... Superar o preconceito, a desvalorização e a violência contra a mulher.



CIDADE DE
GUARULHOS